

ENTREVISTA COM DONA TUNINHA

20 DE SETEMBRO DE 2004

(FATIMA) – Bom dia Dona Tuninha.

(DONA TUNINHA) – Bom dia Fátima.

(FATIMA) – Eu gostaria que você falasse inicialmente da sua ligação com Mesquita, se nasceu aqui ou veio de algum outro lugar.

(DONA TUNINHA) – Não, eu nasci em Itaperuna.

(FATIMA) – Caso tenha vindo de outro lugar, explique os motivos dessa mudança, a época em que aconteceu e como é que era Mesquita nessa época.

(DONA TUNINHA) – Eu nasci em Itaperuna, meus pais também eram de lá, mas aí como a vida lá não era, é, boa, né, meu pai veio em busca de vidas, de vida melhor, trabalho. E eu tinha na época dois meses de idade e nós viemos pra Inhaúma, ficamos na casa de uma tia por um tempo, assim contavam meus pais, depois vim pra Nilópolis, é, na rua Maria de Lourdes, lá, eu, nós convivemos lá até eu tinha 7 anos, depois mudei aqui pra Chatuba e aí meu pai comprou um terreno e nós viemos pra cá, mas tinha muito mato, nós custamos muito a a nos adaptarmos porque lá os parentes eram todos próximos, e todos dias nós fazíamos uma caminhada, atravessávamos o rio, ficávamos lá na casa dos tios com os primos e à noite nós víamos pra casa. E depois nós fomos nos ambientando, à noite mamãe contava muito história porque não tinha luz, era lampião, e aí nessa época era muito bom porque meus irmãos eram dois né, dois irmãos, um mais velho e um mais novo, e à tarde, à noitinha era propensa às às histórias. E era aqui, era muito deserto, tinha uma ou outra casa, se contava. E durante o dia, é, nós andávamos entre os matos, né, apanhando goiaba, tinha muita goiaba e a amizade que nós tínhamos às poucas crianças, nós brincávamos, é, nas goiabeiras, fazíamos balanço, é procurávamos goiaba, era a nossa brincadeira e à noite era história.

(FATIMA) – Dona Tuninha, que, a senhora sabe precisar mais ou menos o ano que vocês vieram pra cá pra Mesquita e por que que os seus pais, é, compraram esse terreno em Mesquita, como é que ele souberam desse terreno em Mesquita, já que vocês moravam em Nilópolis?

(DONA TUNINHA) – É, é o sonho de toda toda família ter um pedaço de chão pra morar. Nós morávamos de aluguel, era um barracão feito de tábuas e aí o meu pai tinha um conhecido que morava em Olinda e queria se desfazer do terreno aqui na Chatuba. Na época o meu pai comprou do Banco Delamare, é, foi trinta reais e papai pagava trezentos mil reais por me, né, que era custoso, mas mamãe costurava e aí eles partilhavam, assim nós conseguimos. Viemos, a nossa casa foi feita em mutirão, meu pai tinha alguns amigos, que ele até trabalhava como servente e aí se tornaram amigos. E esses amigos finais de semana vinham ajudar a construir, portanto nós nem pagamos a mão de obra. Era uma (...), era sala, quarto, cozinha e um banheiro do lado de fora feito de tábua.

(FATIMA) – Em que ano foi isso?

(DONA TUNINHA) – Isso foi no ano de mil, foi 56, 1956.

(FATIMA) – Você podia falar um pouco agora como é que foi a infância, aonde você estudou, é, como que eram os seus amigos da escola, enfim, esse período, né, depois de morar, de mudar pra cá?

(DONA TUNINHA) – É aqui, é, tinham poucos vizinhos, com o tempo foi crescendo. Nessa época eu já tinha uns 9 a 10 anos porque eu vim pra aqui no, é eu tinha 7 anos e aos 9, 8, 9 eu fui alfabetizada aqui em escolinhas, é, particulares tinham clube. Até era o clube, a professora era desse clube, é o Clube Primeiro de Maio. Era a única diversão aqui do bairro, onde meu pai participava como diretor, tinham alguns primos que jogavam e eu fui, é, ambientando, mamãe também participava, ia assistir, é o a jogo, vinha times de fora. Era uma festa, e dentre esse conhecimento teve uma

escolinha, essa escolinha do Primeiro de Maio. Eu fui alfabetizada ali. Quando, é, encerrou, encerrava, era até a 4ª série. Só que aí ao me transferir pro pra uma escola municipal, é, no centro de Mesquita. Era a Escola Municipal Barão de Mesquita, ela ficava ali em frente ao Tênis Clube de Mesquita. Eu fui e aí minha mãe me matriculou na terceira série, porém não se comparava o ensino do município a uma escolinha particular alfabetizada por uma professora que tinha boa vontade, não tinha um programa. Então aí eu sofri muito com essa transformação, porque quando eu cheguei lá eu me senti assim muito, é, atrasada e aí eu me lembro que foram matriculadas várias crianças, era uma turma grande. Essa turma foi dividida e eu observei nessa época, eu tinha 10 anos, eu observei que a, nos primeiros dias a professora nem dava matéria, ela só ficava observando as crianças. E o que ela passava era cópia, nessa cópia ela analisava as crianças com uma letra, com uma caligrafia melhor e os alunos também que se comportavam melhor. Eu senti muita tristeza porque minha letra era muito feia e eu fiquei no grupo dessas crianças, mas não só por isso, porque nós perdemos também o espaço que era melhor, que era a sala lá no colégio. E aí, o colégio na época a professora era Sofia, é, Dona Sofia, Sofia, não me lembro agora o sobrenome dela. E aí ela também conseguiu umas salinhas, só que a sala, não era umas salas limpinha, não era umas carteiras nova e aquilo me decepcionou novo, mas eu encarei e depois melhorou, dividiu-se as turmas, me parece que fizeram mais turmas, aí eu não to bem lembrada e eu subi novamente pra pra vim da escola, não fiquei naquele anexo, né, onde as crianças estavam. Mudei de de professora na época, é, Dona Elmaisse de Souza Atum que depois mesmo de casada ainda encontrei-me com ela e conversamos bastante. Aí fiz uma terceira série muito fraca porque ainda não tinha mesmo base, é, pela realidade da escola que eu freqüentava, mas aí a terceira série repetente foi ótima. Eu acho que toda a minha história, todo o meu saber se fundamentou naquele ano, foi com a professora Maria Antonia Silveiras Caldas, ela era jovem, deveria ter na época uns 22 anos, mas uma professora muito boa, muito acolhedora, muito paciente e aí eu passei pra quarta série. Fiz uma terceira série assim, éramos três alunos, eu estava entre esses três, era eu, Marilza e Arnaldo, e aí nós recebíamos medalhas, né, era medalha de ouro, de prata e um lacinho que era feito com as cores do Brasil, verde e amarelo. Então durante o ano ficou entre nós, os melhores, aí eu fui, é, passei e depois, e depois, depois disso aí, é, eu fiz uma quarta

série, agora a quarta série já não foi tão boa, eu me lembro também da minha professora Ana Maria Augusta, é, Maria Augusta Alvim Leite, era morava em Sampaio, mas ela era muito nervosa, muito neurótica, ela batia nos alunos, quebrava régua, não permitia que nós, é, usássemos o banheiro no horário de aula. Então foi todo assim uma frustração também e nesse nessa mesma época tinha também o Colégio de Nilópolis que era o Instituto Filgueiras, eles vinham também, é, oferecer vagas para os alunos interessados a fazer o ginásio, podiam aproveitar o tempo, fazia a admissão em dois meses e aí logo passaria para o ginásio. Só que eu fiz isso e passei e parei, porque a minha mãe não tinha assim uma certa noção de necessidade e também condição de vida e eu parei, com 12 anos eu fiz a quarta série e nem lembrei-me que eu poderia ter feito a quinta série que seria mais um ano, né, aproveitado pro meu saber.

(FATIMA) – Dona Tuninha, e agora a época da juventude, né, qual era, qual era as atividades de lazer que vocês faziam, que mais ou menos as pessoas dessa idade, qual era o divertimento que tinha, enfim, quais as atividades que um jovem dessa época, né, podia realizar aqui em Mesquita?

(DONA TUNINHA) – É, eu fui uma menina assim mais caseira, né, é minha mãe era costureira e ela dizia assim: “olha, a a menina que não estuda ela tem que aprender a costurar, a bordar”. E aí eu aprendi, foi uma época que eu aprendi a bordar com uma vizinha que nós tínhamos, hoje essa vizinha já é falecida, Dona Maria do Seu Clovis, eu ia pra lá depois do almoço, aprendia os bordado e depois eu fui pra aula de corte e costura, aí eu não gostava muito não, mas a minha mãe dizia que era necessário aprender a fazer alguma coisa. E aí eu fiz o curso de corte e costura e me lembro que, é, durante essa essa fase, né, de adolescente, na época eu tinha uns 14 anos, eu tinha assim uma amiguinha que ela é até minha cunhada hoje, era a minha parceira. Nós íamos ao cinema, nós, é, brincávamos.

(FATIMA) – Que cinema?

(DONA TUNINHA) – Ah, o cinema era São Jerônimo da praça de Mesquita. Aos domingos a nossa diversão era o cinema. Tinham dois cinemas, era o cinema velho que ficava ali bem perto da fonte, ali aquela fontezinha ali no centro de Mesquita que dá acesso aqui da Chatuba, né, pra lá e era o central que era o novo, nós gostávamos do cinema novo, do da praça, que era o São Jerônimo, nós só íamos no no velho quando o filme realmente era empolgava. Mas nós brincávamos de era bandeirinha, era pular corda, não tinha muita atração, não tínhamos e tinha o Primeiro de Maio, né, depois na adolescência. Tinha os bailes, mas a mamãe não freqüentava muito os bailes não, ia de vez em quando, em época de festa, numa data festiva, mas diário, diário não, eu não participava não. Dancei muito, muito, a família do meu pai era muito animada, então, e grande, então todos finais de semana tinha baile e era o baile só entre família. A gente passava a noite toda dançando, cada sábado a gente tinha a dança do Chapéu, a dança da Vassoura, durante a noite, é, a alimentação era, é, sanduíche com mortadela e café, se tinha bebidas também não.

(FATIMA) – Dona Tuninha., é, eu queria que a senhora falasse agora sobre a sua participação, é, nos movimentos sociais da de Mesquita. Se a senhora participou de algum movimento seja religioso da Igreja, seja de Associação de Moradores, seja de política, né, de Partidos Políticos, eu gostaria que a senhora falasse um pouquinho de cada um, se a senhora teve ou não alguma participação e como é que foi a sua atuação nesses movimentos.

(DONA TUNINHA) - Ah, minha participação, a entrada foi, é, eu já era casada, não eu ainda era noiva quando veio uma comunidade aqui pra Rua França Leite, Igreja São José? Eu comecei a freqüentar e aí, eu, eu me casei, tive a minha primeira filha, na segunda filha aí eu fui convidada a participar da Pastoral do Batismo, isso foi no ano de 70, eu estava grávida da minha filha mais jovem que é a Rosilene. E a partir daí, eu fiz um curso e aí fui trabalhar com reuniões de pais, naquela época conscientizar para o valor do batismo. Eu trabalhei bem uns 15 anos, entre meio esse caminhada, eu também fui convidada a participar da Ação Social, na Igreja São José também, que seria ajudar as pessoas mais necessitadas. Eu comecei a trabalhar e aí eu fui percebendo que o meu serviço não valeria a pena se eu não desse outros passos mais,

é , além, porque a miséria é sempre a miséria o que muda é o poder constituinte que é responsável pela população. E aí foi, a descoberta foi lenta, também não foi assim logo, logo não. E aí, depois daí, eu fui convidada a participar da reunião dos moradores, a Associação de Moradores, é, um companheiro, o Robson, né, a Associação tava com problemas aqui, tava, é, em transição, muitas dificuldades que nós compreendemos, né, as...

(FATIMA) – Isso em que ano?

(DONA TUNINHA) – Ah, isso foi, deixa eu pensar, no ano em que o Lula, mil..

(FATIMA) – 79 foi..

(DONA TUNINHA) – 89 o Lula concorreu, né...Ah, isso foi em 89, foi em oitenta e sete, oitenta e sete. Aí eu fui pra Associação, a Associação ficou sem espaço e nós abrimos espaço, aí eu já estava numa nova comunidade que nasceu aqui mais próximo, é, no mesmo bairro porém em em quadras, né, mais distante, diferente. E nós demos, é, a algumas pessoas da comunidade como seu Marcolino, a Dalva e nós caminhamos e começamos a participar, mas aí eu percebi que na Associação também não era só o bastante porque aí entrava o lado político e tinha que ter posição.

(FATIMA) – Essa Associação, qual era o nome da Associação?

(DONA TUNINHA) – Associação ABC, Associação dos moradores do Bairro da Chatuba. Ela é de, ela tem 24 anos de existência.

(FATIMA) – Essa Associação chegou a participar do MAB?

(DONA TUNINHA) – É, ela era vinculada ao MAB. Nós éramos, é, cadastrados no MAB em Nova Iguaçu, né, e foi toda uma caminhada e aí o, a, os acontecimentos vai nos fazendo e aí a partir da Associação eu fui pro Partido dos Trabalhadores.

(FATIMA) – Isso em que ano?

(DONA TUNINHA) – Isso foi, eu fui pra Nova Iguaçu, foi em 80, foi depois, eu fui em oitenta..., eu falei oitenta e ?

(FATIMA) – Sete.

(DONA TUNINHA) – Oitenta e sete, então foi 88, foi depois, né, depois que eu participei, que eu comecei a participar da Associação é que eu fui pro partido político, um partido que eu me identifiquei por causa da, do discurso, tinha a ver, né, era um um discurso assim comprometido com a base no qual eu fazia parte dessa base, e ajudava essa, a gente fazia na época, a gente distribuía roupas usadas, a gente fazia campanha de alimentos, nós visitávamos a família, eu me lembro que entre uma das famílias tinha uma jovem negra de 13 anos com uma ferida na perna, e ela, a mãe dizia que poderia arrumar um serviço pra ela que ela tinha conhecimento, mas pela ferida na perna ela foi rejeitada e nós dávamos o dinheiro pra ela ir fazer o curativo, nessa época era lá em baixo, no Rio, na Cruz Vermelha, só que a necessidade era muita e eles compravam pão. A partir daí o grupo fez uma reflexão e achou importante que alguém, é, acompanhasse essa menina e nós descobrimos aqui o seu Darso aqui da Avenida Brasil, era um senhor, que ele fazia, tinha muita habilidade, muito dom de curar de feridas, as as feridas em pouco tempo. Aí essa informação chegou ao grupo e eu fui responsável de acompanhar essa adolescente, então acompanhei ela durante, é, um mês e no final de um mês a ferida realmente estava fechada. Foi um sucesso, né, foi prazeroso pro grupo e aí dava cada vez mais vontade da gente estar caminhando, a menina era uma negra muito bonita, tinha uns dentes bonitos e ela foi trabalhar. Realmente aí, isso aí foi nos engajando cada vez mais e nos comprometendo, né, e aí eu em fase disso aí, pronto, não deixei mais o trabalho. Aí eu fui caminhando também e fui pros movimentos populares, os desafios eram outros, né, e hoje to aí.

(FATIMA) – A senhora teve alguma, algum cargo nesse período todo na Associação de Moradores?

(DONA TUNINHA) – Ah, eu entrei como uma diretora, uma diretora, né, fazia parte de um grupo de direção, parece que no primeiro mandato eu fiquei, deixa eu ver, eu nem me lembro mais Fátima, tem que ver isso. Eu fiquei dentro do quadro de diretoria, de de diretores, só no ano de 2000, aí 2000 encerrou o meu mandato, então noventa e seis, no ano de noventa e seis aí eu fui diretora dessa Associação de Moradores, no ano de 2006, é, foi dois mil e, foi 96 até 2000, foi esse o meu.

(FATIMA) – E hoje você não está mais direção da Associação?

(DONA TUNINHA) – Não, não, hoje não, aí eu fiquei, né, como sócia acompanhando quando mudou a direção e eu não fiz parte da direção, eu achava que outras pessoas deveriam participar, até mesmo pra fazer experiência, porque a experiência em movimento popular nos dá uma outra visão de de cidadão, então eu achei melhor ficar acompanhando, mas em fase, né, da do Programa de Governo e aí do Nova Baixada, é, teve assim alguns conflitos de pensamento, parecia que eu não era bem compreendida, os companheiros decidia, é, uma causa que não era a que eu estava vendo, eu defendia sempre assim o propósito do programa ser feito na integra, e aí eu achei melhor não me aborrecer com os companheiros e aí deu um tempo, porque eu achei, eu pensei assim, bom eu não estou num movimento pra conflitar com os companheiros e sim pra somar, então o momento não tá muito bom, aí eu dei um tempo, sendo que na mudança eu fui convidada novamente a estar ajudando na cooperando, aí eu cooperei, eu estou como primeira secretária, é uma nova experiência também, um desafio, que eu sou assim uma pessoa que me desafio muito, eu nunca sei nada, eu aprendo com o trabalho, eu vou descobrindo, mas eu não rejeito, quando me falaram assim: “A senhora pode ser a primeira secretária?”, até mesmo porque tem dificuldade de quadros, né, de pessoas que se colocam a serviço, eu falei, ah tá, eu aceito. Suspirei bem fundo e estou no exercício, né, to tentando é corresponder com o cargo que me foi, é, confiado.

(FATIMA) – Dona Tuninha, eu queria que a senhora agora se lembrasse como é que tomou, que a senhora tomou conhecimento pela primeira vez do movimento pela emancipação de Mesquita, né, e lembrar um pouco disso como é que foi, né, essa esse

encontro e quais foram os principais marcos de desse movimento, as formas da sua participação, não é, e a sua opinião sobre isso.

Emancipação - década de 80

(DONA TUNINHA) – Na época da emancipação eu já era filiada ao partido dos trabalhadores de Nova Iguaçu e nessa filiação e nesse contato eu tomei conhecimento do, não é ^F estatuto, não é a Lei Orgânica e aí na Lei Orgânica eu descobri que quarenta por cento arrecadado nos municípios teria na, é, no município teria que voltar, por exemplo, tinha uma arrecadação, o valor dessa arrecadação, quarenta por cento voltaria pro bairro, né, porque nós éramos distrito na época, era o quinto distrito de Nova Iguaçu. E ali quando se propôs, é, a emancipação me preocupou porque eu sabia que esses quarenta por cento não vinham. Então eu falei, poxa vida, fica dividindo a cidade, se as leis fossem mais garantidas, nós poderíamos estar numa situação melhor sem estar dividindo, porque na verdade, o meu entender é que se divide não pra melhorar pro povo porque melhora muito pouco, é se divide mais pra poderes, né. E quem estava na época, é, a história que estava comandando o a emancipação era uma família que eu tinha algumas informação, apesar de ter vindo bem criança pra aqui, mas meus pais eles não eram assim dentro da política, da da da do social. Eu me lembro que a mamãe era assim mais ligada, que em épocas históricas ela pedia pro meu pai comprar revistas, na época era o “O Cruzeiro”, né, e o meu pai dizia: “não, não vou comprar não que é muito caro”, mas ela insistia e ele acabava comprando, então ela tinha, eu me lembro que ela tinha assim alguma visão, mas não era assim do dia a dia e aí eu tinha essa dificuldade. Pela informação que eu tinha, eu não fiquei assim muito animada não, e como eu estava no, na Associação de Moradores, na Comunidade, já tinham os grupos que discutiam, então eu tinha assim muita reflexão que não era necessária a emancipação, se nos tivéssemos as leis garantidas, eu não via necessidade e não dei muito apoio, assim não fiz muitos votos pra emancipação não, eu preferia mesmo que fosse uma cidade que crescesse, crescesse como um todo e dentro da sua condição que nas épocas, na época nós tínhamos, nós já tivemos aqui, é, indústrias, né, tinha fábricas, então eu vi assim que Mesquita arrecadava, eu não tinha uma noção de quanto, né, porque é a a o a população ela não é bem integrada dentro dessas causas da sociedade que é arrecadação, quanto arrecada, infelizmente a gente ainda não temos essa essa visão de de sociedade, né, são algumas pessoas que

Forimento
pela
Emanci-
pação
↓
Associação
de
Moradores
influência
do
PT e
da
Associação

por si, pela necessidade, pela caminhada que fazem vão descobrindo e eu ainda não tinha, mas eu assim observava que Mesquita era um distrito bem adiantado, ele tinha condição de ser um um distrito, né, que desse uma vida melhor aos moradores tanto em saneamento, porque nós aqui não tínhamos nada, nós não tínhamos a, no ano 2000 a parte alta do morro não tinha água, a parte mais alta né, nós não tínhamos água, o povo se, é, beneficiava de uma uma cachoeira aqui aqui no bairro mesmo, mas era tudo clandestino, sem tratamento, a Associação fez um tratamento no posto e viu que o número de verminoses era alto, tudo questão de de má qualidade da água, nós tínhamos também aquela doença hepatite, eram vários casos, dava pra gente assim, é, perceber na comunidade e aí a gente, né, como, é, pessoas mais atenciosas na vida da da do distrito da comunidade no caso, e nós fazíamos pesquisas, íamos, eu tenho muito documento. Aí até da Associação de que nós fomos entrevistar uma Doutora aqui na França Leite, no posto da França Leite, eu não me lembro o nome dela, mas eu tenho registrado em documento aqui, porque saiu no jornal, né, então é mais ou menos. E aí eu não tive muito animo não, mas vc é muito influenciada, né, você vai assim pra, porque você não faz e nem decide sozinha, tem um grupo e no final eu acabei aceitando porque eu vi que a força era mínima, né, mas eu sempre achei que não era necessário.

(FATIMA) – É, e nos plebiscitos, teve um plebiscito, você tomou conhecimento daquele primeiro processo de emancipação, escutou falar, de 1957, que o processo sumiu, você chegou a tomar conhecimento dessa história?

(DONA TUNINHA) – É, eu ouvia, mas não me aprofundei muito não, eu sei que na primeira emancipação nós tivemos uma boa presença nas urnas, porque a população quer mudança e no sonho da emancipação, é, nós tivemos uma boa presença e depois aí foi descoberto também, não aí depois fizemos uma segunda, não é isso? Foram dois momentos de emancipação, a primeira, a segunda..

(FATIMA) – Em 93.

(DONA TUNINHA) – Em 93?

(FATIMA) – E a última de 95.

(DONA TUNINHA) – E a última é. Eu me lembro que a primeira foi razoável, né, que nós dizíamos: “ah, aqui era tudo barro, era terrível”. Hoje melhorou, mas também não é com o governo de Mesquita não, melhorou com o projeto do governo do Estado que começou com o Marcelo Alencar, entendeu? E, mas era muito ruim o povo foi, aí bem, mesmo assim disseram que nós não conseguimos, aí houve toda uma desconfiança, né, se retomou o processo e fomos pela segunda vez, a segunda vez foi mais maciça, mais ainda não conseguimos, eu não lembro muito.

(FATIMA) – A última que foi em 95 que também não deu quorum.

(DONA TUNINHA) – É, 95 não deu quorum e depois eu não sei como é que chegou aqui. A emancipação foi por algumas pessoas, na época quem estava a frente, o emancipador era José Montes Paixão, e tinha, eu tenho um vizinho aqui que era muito ligado a ele, o Almir do do do Correio e ele falava comigo sempre que encontrava: “nós vamos emancipar”, mas como? Nós não tivemos quorum, “não, mas ele está ajustando, nós vamos, ele foi pra Brasília”. Então eu acho que essa emancipação foi mais do acordo, não foi assim uma emancipação no total, transparente, a comunidade mesmo foi mais no acordo, a terceira foi no acordo.

(FATIMA) – E e a senhora votou nos plebiscitos?

(DONA TUNINHA) – Votei.

(FATIMA) – Então eu queria falar, então queria que você dissesse como é que você votou, de que maneira você votou, porque você falou que no início era, foi contra, depois se submeteu, né, ao coletivo e tudo. Então eu queria que você contasse um pouco como é que foi a sua votação, né, que posição você tomou?

(DONA TUNINHA) – É, aí eu acabei falando, bom não tem mais jeito porque o povo é muito difícil entender, eles gostam de coisas mais emergenciais, a luta que você, é, consegue perceber e que vê que é necessário é a da consciência e a consciência tem que ter tempo. E aí eu falei assim, bom eu fico discordando, é aquela diferente, é a que fica fazendo oposição, eu votei sempre eu votei sim em todas elas.

(FATIMA) – Em todos eles?

(DONA TUNINHA) – Em todos eles eu votei sim.

(FATIMA) – Embora discordando?

(DONA TUNINHA) – Embora é discordando não, é é percebendo que não era tão necessário se Mesquita recebesse a parte que lhe cabia, porque não vinha nada pra nós, nós estávamos aqui abandonados, é, eu digo de um modo geral, água, iluminação, é transporte, escola, nós éramos, né, completamente é é carente, dependente mesmo, não tínhamos, não tínhamos nada. Então no fundo, no fundo você fica é, não passa pela compreensão, eu acabei votando sim, porém eu acho que não foi assim uma coisa tão oficializada que desse assim pra perceber, né, no final foi José Montes Paixão dito pelo Almir que ele estava empenhado e que ia sair assim como saiu, né, porque foi uma surpresa.

(FATIMA) – Dona Tuninha, agora sábado que vem faz cinco anos que a cidade foi emancipada. Foi em 1999, nós estamos em 2004, né, e o que que a senhora acha, é, depois de cinco anos decorridos sobre Mesquita ter virado cidade, é, quais são as expectativas, quais eram as expectativas, né, você tinha receio disso, e hoje depois de passado cinco anos?

(DONA TUNINHA) – É, olha só, nós melhoramos a condição de vida aqui da população principalmente no bairro da Chatuba onde eu resido melhorou, não pela prefeitura, pela emancipação, melhorou pelo Programa do Governo Baixada Viva, hoje, Nova Baixada, né, porque já já é o terceiro governo depois que o Marcelo Alencar, é, trouxe e também

esse projeto, também tinha um interesse. Era a despoluição da Guanabara, é o Programa é PDBG, né, e por isso Chatuba também entrou que nós nem conseguimos ainda atingir o objetivo, mas melhorou muito, agora como cidade emancipada eu vejo que nós estamos, o povo ainda não deu conta disso e que nós somos cidade e que somos emancipados, por que quais são as necessidades do povo? Saúde, educação, né, em primeiro lugar, é o básico, vamos dizer, e a condição de vida, moradia, mas saúde e educação é básico. E na educação nós temos um colégio aqui, mas foi luta da ABC, porque quando é o colégio Maria Dolores ali na rua Magno de Carvalho.

(FATIMA) – É municipal?

(DONA TUNINHA) – É municipal.

(FATIMA) – É novo também?

(DONA TUNINHA) – É novo. Esse colégio veio junto com a emancipação, chegou, não veio junto, chegou porque foi do governo Bornier, então foi uma carta-compromisso que a Associação fez com todos os prefeitáveis, na época foi o Arthur Messias, foi José Távora, foi o aquele, não, o o primeiro, foi o Ribeiro, aquele como é que é o nome dele? José Távora, Bornier, Arthur Messias e o Cornélio Ribeiro.

(FATIMA) – Cornélio Ribeiro.

(DONA TUNINHA) – Então nós fizemos uma carta como Associação dos Moradores convidando todos os prefeitáveis que na época eram concorrentes ao cargo eletivo e aí o que e pedimos que eles se comprometessem. Um dos compromissos que, é, o prefeito eleito se comprometeu importante foi uma escola e essa escola nós cobramos durante os quatro anos e no final do governo dele apareceu, portanto a escola também não é dele. Então não tivemos novas escolas, tivemos reformas de algumas escolas, isso nós tivemos, tivemos uma escola aqui na na Batista das Neves que era particular e foi alugada, um aluguel até exorbitante, né, na minha maneira de ver, quatro mil e quinhentos eu achei muito, mas aí conseguiu é captar as Crianças Beira Rio, ajudou,

isso aí ajudou. Agora a saúde é péssima, o povo ainda procura Nilópolis e Nova Iguaçu, porque uma única unidade básica que nós temos, no caso, atendimento a 24 horas é descentralizada. Não é que ninguém quer é um posto do lado da sua casa, não é bem isso, mas para é por exemplo quem mora aqui na Chatuba depende duas condições e ainda andar quase 1 Km.

(FATIMA) – Você ta falando da Unidade Mista de Jacutinga?

(DONA TUNINHA) – de Jacutinga, Unidade Mista de Jacutinga, então eu vejo que, pra mim, ao meu ver não caminhou muito não como cidade ou quase nada. A iluminação vem na conta de luz quase quatro reais, cada um morador paga, ela é, por exemplo, nem todos, é, em frente todos os portões não tem um poste de luz, com lâmpada e no entanto todos os moradores pagam, né naquela, naquela área ali três, quatro, é, moradores, né, terrenos, é no caso que tenha três, quatro casas, cada um paga a sua taxa. Então eu acho que não caminhamos não, Mesquita não teve, a minha maneira de ver, não teve o desenvolvimento necessário, é, como deveria ter emancipado até que a primeira, o primeiro governo a gente sabe que a cidade recebe muita ajuda e aí a gente poderia ter um salto de qualidade, não tivemos, não se abriu, o mercado ficou muito ruim, até o mercado a gente percebe que as pessoas como eu também, toda a minha família quando quer fazer uma compra melhor vai pra Nilópolis ou Nova Iguaçu. Então você deixa de dar, é, a sua contribuição pra sociedade, porque não tem condição, não se criou meios de atrair a população para o mercado.

(FATIMA) – Dona Tuninha a gente ta terminando, eu queria saber se a senhora tem alguma pessoa aqui da Chatuba pra indicar que seria interessante para ser entrevistado, que atuou no processo de emancipação, que independente do que pensa, da sua posição de contra ou a favor, né, que seria interessante a gente ta conversando também pra trabalhar um pouco com essas memórias e se a senhora tem algum material sobre a cidade mais antigo, algum documento, alguma foto, algum artigo de jornal que poderia ceder pra gente também pra pesquisa

(DONA TUNINHA) – É, nós que não somos historiadoras, né, a gente guarda algumas memória, aí depois a gente se enche tanto de papel que acaba desfazendo, mas eu

ainda devo ter aí algumas fotos de jornais, não do meu tempo de infância porque naquela época ainda não tinha, era muito, tudo muito difícil, nós não tínhamos máquina, é KodaK na época, né, e era raro, era raro. Então eu não tenho, eu tenho algumas, mas não tão antigas. E tenho duas pessoas aqui, uma é o Seu Nunes, eu nem sei como ele se encontra, são dois senhores da Associação de Moradores, ele é até professor de história também, e eu sempre pedia a ele que ele contava muita história de de Mesquita, do nome Chatuba, eu pedi a ele que ele escrevesse a história, pra que a gente não perdesse essa história. Então eu tenho o Seu Nunes, né, agora eu não sei como ele está de saúde que há tempos eu não vejo, ele era do Movimento Popular da Associação, nós caminhamos juntos, ela era da Chama, ele era muito interessante ao meu ver. E tenho também um senhor aqui também, dois senhores, o seu Souza, ele é uma pessoa de uma, é, de uma visão muito ampla, né, dentro da política, do social e defensor da vida do povo. O que me impressiona no Seu Souza é a defesa que ele tem pela vida, pro bem estar da população. São dois senhores.

(FATIMA) – Dona Tuninha a senhora quer falar mais alguma coisa sobre esse assunto pra gente poder encerrar?

(DONA TUNINHA) – Não, eu acho que é o bastante, apesar que eu tenho ainda muitas coisas, mas a história é assim, né, ela pega mais o que vem na memória, é espontâneo, talvez tenham outras coisas assim importantes, mas que no momento eu não, não está em no pensamento.

(FATIMA) – Se a senhora lembrar alguma coisa que seja importante pode ligar pra mim que aí a gente conversa de novo, ta bom. Muito obrigada.